

A formação docente e as práticas educativas do ensino de História no século XXI

Marcus da Silveira Junior^{*}

Eduardo Henrique de Freitas Marques^{**}

Jose Fernandes da Cruz Neto^{***}

Compreendemos a experiência do estágio supervisionado como uma grande auxiliadora, uma disciplina que nos prepara e nos fornece meios para uma melhor formação como um futuro professor/historiador. Ao chegar à universidade nos deparamos com o conhecimento teórico, porém percebemos como é difícil relacionar teoria e prática. O Estágio nos permite relacionar a teoria e a prática, permitindo experimentar novos métodos de ensino, uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

A escola campo que foi trabalhada na Disciplina Estágio Supervisionado V, foi a E. E. Professora Maria de Barros. Instituição localizada no Bairro Independência, situada na Rua Cláudio Manoel da Costa Nº 2940 na cidade de Ituiutaba-MG. A escola possui 17 salas de aula, anfiteatro, biblioteca, sala dos professores, área administrativa, a escola conta também com duas quadras sendo uma coberta e outra sem e espaço socialização e cantina.

Resolvemos trabalhar com as turmas do 3º A e B percebemos que se apresentava muito desinteressada das aulas, apesar de que em sua maioria sempre se comportava bem na medida do possível na sala de aula. Eram os que menos questionavam o professor sobre a matéria dada, aceitavam qualquer informação por ele passada. Na verdade, ficavam em sala de aula ouvindo música no celular.

Não faziam as tarefas deixadas para casa, deste modo o professor permitia que os mesmos terminassem em sala de aula, em todas as turmas presenciei que muitos deles em vez de realizar a atividade pedida pelo professor, preferiam realizar outras atividades de outras disciplinas como química ou física.

Aqui era explícito que tanto o professor quanto a turma tinham problemas em estabelecer bons relacionamentos. O professor estava trabalhando com os 3º anos o tema Revolução Industrial no século XX. O professor trabalhou usando somente o livro didático. Aqui as turmas se mostravam mais dispersos e propícios a conversa tanto meninos quanto meninas, o principal problema aqui era uso do celular.

Durante nossa pesquisa para a elaboração do questionário quanto para a nossa oficina, tivemos como base dois textos fundamentais das autoras Circe Bittencourt com o texto: “Representações Sociais e Princípios Metodológicos de Pesquisa em Sala de Aula”, e das autoras Anita C. L. de Almeida e Keila Grinbertg com o texto: “As Webquests e o Ensino de História”, esses textos nos foram apresentados pela nossa professora de estágio Sandra A. Fiuza.

Durante o período de observação do espaço escolar e das aulas ministradas pelo professor Luiz, regente das turmas citadas. Consideramos e propomos uma oficina com o tema tortura, preferencialmente voltado para o contexto da Ditadura Civil Militar no Brasil (1964- 1985). Mas antes de realizarmos a oficina aplicamos um questionário aos alunos, com o intuito de levantar seus conhecimentos prévios sobre o tema tortura. Pensamos como Bittencourt,

No caso de uma situação de aula, o princípio básico é o de que o conhecimento não pode ser posse exclusiva do professor, embora este tenha um conhecimento prévio sobre o objeto selecionado para o estudo assim como a responsabilidade de apresentá-lo para a discussão em classe. O professor, no método dialógico, conhece mais sobre o objeto de estudo quando o curso começa, mas reaprende o conteúdo mediante o processo de estudá-lo com os alunos. (BITTENCOURT, 2004, p. 234)

A partir da proposta de Bittencourt, planejamos – juntamente com a professora supervisora desse estágio, um questionário com diversas questões sobre o tema tortura. Esse questionário teve como objetivo o nosso entendimento acerca dos conhecimentos prévios dos alunos em relação à temática e de igual modo, as representações que eles detinham sobre a questão. Como diz Bittencourt,

Ao possibilitar, por intermédio de debates e discussões orais e de respostas a questionários cuidadosamente preparados, a exposição das representações sociais dos alunos sobre determinado objeto, criam-se condições para que eles identifiquem os diferentes tipos de conhecimento: o proveniente da

vivência, das formas de comunicação diária que organizam suas representações sobre a realidade social (expressa notadamente pelas expressões “eu penso”, “eu acho”, “na minha opinião”...), e o conhecimento sobre essa mesma realidade proveniente do método científico. (BITTENCOURT, 2004, p. 240)

Com esse intuito de levantarmos os conhecimentos prévios dos alunos, aplicamos nosso o questionário nas duas turmas do 3º anos do ensino médio. Conseguimos visualizar o caminho que deveria ser trilhado para confecção da oficina, pois chegamos ao consenso de que o principal objetivo dessa oficina seria a fomentação e discussão do conceito de tortura. Assim como Almeida e Grinbertg,

O desenvolvimento de tal metodologia é importante não só para a operação com os conceitos e conteúdo específicos da disciplina história, mas também para o desenvolvimento de um pensamento crítico que forneça instrumentais para que os alunos consigam transformar em conhecimento o manancial de informações a que têm acesso nos mais variados meios — sendo a escola apenas um deles. (ALMEIDA; GRINBERTG, 2009, p. 202)

Pensamos assim com as autoras que ao desenvolvermos uma metodologia, fomos capazes de reconhecer quais conhecimentos os alunos tinham sobre a tortura e assim elaborar melhor uma atividade que podemos realizar na escola juntamente com os alunos do 3º anos A e B. Atrelado a isso, não poderíamos deixar de salientar como essa prática se deu em diferentes contextos históricos, entretanto, focalizado no período da ditadura militar no Brasil.

Sabemos que a ditadura militar no Brasil fora um dos momentos em nossa histórica nacional em que os direitos de pensar, agir e propor uma nova sociedade foram silenciados pelo governo vigente, o qual para isso utilizou-se de diversos métodos de repressão e censura. Voltando-nos para um contexto histórico, mas direcionado pelos problemas do presente, pensamos em uma maneira de articular esse debate com os discentes que acompanhamos durante o período de estágio, através de uma oficina, o questionário aplicado também foi essencial para essa discussão. Assim como Almeida e Grinbertg,

A forma privilegiada de desenvolvimento das atividades denominadas oficinas se dá através do contato com os vestígios que nos foram legados e que são a “matéria-prima” dos historiadores: as fontes. A intenção é proporcionar ao aluno um contato direto com as fontes, criando assim

mecanismos através dos quais ele seja capaz de compreender o processo de produção do conhecimento, ao mesmo tempo em que toma contato com a produção historiográfica sobre o tema escolhido. (ALMEIDA; GRINBERTG, 2009, p. 203)

Portanto, assim como nos diz Almeida e Grinbertg, através de uma oficina podemos trabalhar o conceito de tortura de uma maneira mais apropriada, além de utilizarmos outras fontes de estudo como charges e peça de teatro. Mostramos e apresentamos aos alunos que diferentes tipos de fontes podem ser usados e analisados por eles, fontes que nos professores/historiadores trabalhamos diariamente e ensiná-los a como usar tais fontes. E como essas fontes podem nos ajudar a estabelecer uma relação direta entre passado e presente.

Nesta oficina procuramos compartilhar a discussão em torno do conceito de tortura. E para isso, iremos abordar o tema em diferentes contextos históricos, a partir da interpretação do questionário produzido pelos alunos. Discutir a temática tortura se torna relevante quando entendemos que essa prática perpassa diferentes conjunturas da história.

Através dessa oficina o aluno poderá apreender: Compreender o conceito de tortura; reconhecer as mudanças nessa prática ao longo dos períodos históricos; identificar os sujeitos que se utilizavam desse método, como também quem os recebia; estudar um momento específico no Brasil que essa prática foi demasiadamente utilizada (Ditadura militar brasileira- 1964 a 1985); compreender o conceito de Fonte Histórica; analisar e Trabalhar com diferentes fontes.

Por isso, a oficina pretende proporcionar uma relação de ensino-aprendizagem, a qual os conhecimentos desses discentes sejam incluídos na discussão, para que os mesmos possam compreender que seu conhecimento é fundamental e faz parte das construções históricas. Nossa oficina foi pensada em cinco momentos. O primeiro seria um diálogo com os estudantes e uma breve contextualização histórica dessa prática.

Assim, iniciamos os motivos que nos levaram a aplicação prévia do questionário e de igual modo perguntamos a eles o que se lembravam acerca do que tinham respondido, ou seja, o que entediam mais uma vez sobre a palavra tortura. Após isso, começamos a definir o conceito de tortura, baseado em uma definição simples dos

dicionários, algo que foi fundamental para continuidade de nossa exposição, pois a partir desse momento fizemos uma discussão com os discentes acerca dos momentos históricos que essa prática fora realizada e também como ela ainda era habitualmente realizada. Efetivamente tentamos estabelecer um diálogo com os alunos nessa primeira parte.

No segundo momento continuamos a discussão com os estudantes, e apresentamos em data show a imagem da charge. Aqui a charge seria descrita e discutida com os estudantes acerca do entendimento que tiveram sobre a imagem, fazendo perguntas aos discentes, sobre o que eles conseguiam visualizar, o que entendiam da mesma, como poderiam defini-la. Após isso, apresentamos a definição de fonte histórica, e situamos que a charge também se enquadrava nessa definição.

O terceiro momento pretendeu-se discutir e apresentar a obra *Torquemada*, situando-a em seu momento de produção, autoria e finalidade. Nela retomamos a discussão histórica sobre a prática da tortura e continuamos a falar sobre as fontes históricas. Nesse momento, também apresentamos as imagens que representavam práticas de tortura ao longo dos tempos, todas por data show.

O quarto momento seria realizada uma leitura pelos estudantes de um fragmento da obra e logo que foi a apresentação do fragmento selecionado da peça aos alunos. Acordamos que se os alunos assim quisessem poderia participar da leitura dramática desse fragmento.

No último momento seria realizado uma atividade em forma de questionário, a qual eles pudessem identificar alguns pontos e aspectos importantes da obra. Por fim, recolhemos as atividades e agradeceremos ao professor, à escola e aos alunos por fazerem parte da oficina e por terem contribuído com a nossa formação.

Inicialmente, a Oficina ocorreria na sala de Áudio/Visual da escola, no entanto, ao perceber que a mesma não comportaria a quantidade de estudantes, foi necessário realizar a Oficina no salão de Auditório da escola, por este ser mais espaçoso e possuir mais mesas e cadeiras. A instalação dos equipamentos foi feita no dia da Oficina, cerca de 1 hora antes da realização da mesma.

Os alunos foram recebidos no salão do auditório, já organizado e com as mesas e cadeiras organizadas de acordo com os grupos e as atividades propostas na Oficina. O professor supervisor Luiz Antônio acompanhou os alunos do 3º A e, posteriormente a professora de português que cedeu o horário para que ocorresse a disciplina levou os alunos até o salão do auditório da escola.

É de extrema importância destacar que os alunos foram recebidos pelos estagiários com a sala já preparada e os equipamentos e materiais já prontos para a execução da Oficina. Conforme os alunos adentravam o salão, os estagiários informavam que já poderiam formar grupos de até quatro integrantes para a participação nas atividades.

Os estagiários foram apresentados de forma rápida e sucinta, desde que os alunos já os conheciam devido as observações nas salas de aula, o professor Luiz Antônio fez questão de destacar a presença deles em suas aulas, mas, no entanto, somente na apresentação dos estagiários na Oficina foi possível obter um contato maior com os alunos dos 3º A e B.

Os objetivos principais e essenciais que a Oficina buscou apresentar foram questões relacionadas à Tortura: como a tortura se institucionalizou no decorrer dos tempos, quais os principais momentos históricos onde a tortura tinha caráter fundamental para controle da sociedade, quais os principais métodos de tortura, a tortura na Ditadura Civil Militar no Brasil, a tortura atualmente, torturas físicas e psicológicas, dentre outras. A Oficina contou com a ação de todos os estagiários, desde a sua construção até a o momento de sua aplicação; o primeiro momento da Oficina contou com uma exposição e reflexão sobre a palavra Tortura e, a partir daí foi feita uma abordagem histórica da prática da tortura realizada em diversos momentos históricos;

Logo após foram apresentadas algumas charges do chargista e desenhista Latuff, buscando compreender termos e conceitos de Fonte Histórica e buscando fomentar nos alunos a participação e interação deles sobre a charge, mobilizando o aluno a refletir sobre a charge e o que ela está tratando, de forma que fossem abordadas

questões sobre o autor, o ano de produção, quais suas características como chargista e o que ele buscava transmitir com suas charges.

Logo após foi feita a abordagem da obra teatral *Torquemada*, por quem ela foi escrita e quais os objetivos do autor, o momento em que ela foi escrita e quais os métodos utilizados pelo autor para demonstrar a tortura no Brasil naquele momento de Ditadura Civil Militar; dando sequência ao tema, foi feita uma atividade juntamente com os alunos que buscava fazer uma leitura dramática de um fragmento de texto da obra teatral *Torquemada*, seguido por uma análise textual escrita do mesmo fragmento de texto.

Podemos destacar que a interação dos alunos com os estagiários foi bastante proveitosa, a maioria dos alunos demonstrou interesse nas abordagens e temas apresentados, questionando e dialogando com os estagiários; nas atividades relacionadas à obra *Torquemada*, os alunos aderiram às atividades propostas, tanto na leitura dramática quanto, principalmente, na análise feita por escrito, onde cada grupo se dedicou a responder as questões presentes no texto.

Sendo assim, podemos afirmar que os alunos avaliaram de modo positivo a produção e aplicação da Oficina, isso demonstrado pelos mesmos durante a participação nas atividades, quanto no interesse da temática Tortura e nas opiniões apresentadas durante a aplicação da Oficina. É essencial destacar que quanto a proposta, quanto a aplicação desta Oficina foi de grande importância para a formação acadêmica e profissional dos estagiários, deixando claro que é uma proposta que certamente fomenta a participação dos alunos e uma interação maior na relação entre professor e alunos.

A proposta certamente pode ser considerada viável, embora saibamos que o professor da rede pública de ensino sofre com a falta e qualidade dos equipamentos utilizados, além de conseguir unificar duas turmas para a aplicação de uma oficina de grande porte, no entanto destacamos a mesma como viável, pelo fato que os alunos corresponderam bem a aplicação e, os equipamentos e o salão da escola estavam em excelente qualidade, resultando num maior aproveitamento e desenvolvimento da Oficina.

Em questões relacionadas ao que está Oficina difere de outras, podemos citar o fato das atividades conterem métodos não sempre utilizados, como a análise e leitura de uma obra teatral, tal qual a leitura e interpretação de uma charge; a aplicação desta oficina, sem dúvidas, abre um leque de possibilidades para nós estagiários, deixando explícito que a produção e execução da mesma pode ser feita e concluída com êxito, obtendo excelentes resultados.

Pela conquista e êxito obtidos com o resultado final da Oficina, nós estagiários podemos evidenciar que avaliação do grupo foi positiva. Sabemos que a produção de uma oficina de tamanho porte necessita de dedicação e orientação, características que foram fortemente encontradas na produção do nosso trabalho; é essencial destacar que sem as orientações da professora Sandra Fiuza e as supervisões do professor Luiz Antônio, este trabalho não seria produzido da forma positiva que se sucedeu.

A leituras e discussões ocorridas na sala de aula foram de grande importância para a execução da mesma, as experiências relatadas pelos outros estagiários no momento de diálogo também se tornaram um caráter essencial e motivador para a aplicação e desenvolvimento desta Oficina. Sendo assim, podemos concluir que todo o arco que esta Oficina esteve envolvida resultou no produto extremamente importante, e nós, futuros professores e historiadores, soubemos absorver cada momento, com extrema certeza avaliamos cada momento como positivo.

Acreditamos que está Oficina produzida foi bastante proveitosa, tanto por nós estagiários quanto pelos estudantes. No entanto, devemos destacar que este trabalho foi a primeira experiência enquanto graduandos e estagiários com esse novo tipo de proposta. Percebemos que um dos objetivos principais desta Oficina detém que os alunos participem continuamente das construções de saberes, fato importantíssimo para a aprendizagem do aluno.

Se pretendemos criar um método de ensino cada vez mais participativo e sem diferenciações e hierarquias de saberes, esse método é essencialmente viável. Entretanto, requer uma disposição e dedicação do professor que deseja realiza-la, pois, a preparação previa para esse tipo de método e ainda uma busca de referências

conceituais e bibliográficas é indispensável. É necessário destacar que a preparação para a Oficina obteve pontos positivos e negativos.

Esse último, talvez pela preocupação e adequação que tivemos com o tempo, a preocupação com essa questão, devido ao fato do tempo estar programado e limitado, não houve um período para a maior participação dos alunos. Além disso, a primeira experiência com esse tipo de método, também exigiu uma melhor preparação enquanto saber articular os diferentes contextos que poderiam ser integrados nessa discussão. No entanto, os pontos positivos foram essenciais para nossa formação e preparação enquanto professores e profissionais.

A Oficina nos possibilitou um excelente e rico aprendizado, e consideramos que os alunos absorveram ao máximo esta experiência, as falas e relatos por parte dos estudantes foram positivas e proveitosas, acrescentando substancialmente no conhecimento dos estudantes e, dos estagiários. Por fim, evidenciamos que o professor de História deve estar em constante pesquisa e aprendizado, e nós enquanto estagiários devemos fomentar ainda mais este hábito, tanto em nossos discursos, quanto em nossas práticas. Enfim, concluímos que o estágio supervisionado é primordial para a formação acadêmica, é indispensável para a formação superior dos professores de História e Historiadores, os desafios são vários e as possibilidades maiores ainda.

Referências

ALMEIDA, Anita Correia Lima; GRINBERG, Keila. *As WebQuests e o ensino de história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

BANDEIRA, Moniz. *O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil, (1961-1964)*. 3. ed. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira, 1978.

BITTENCOURT, Circe Maria F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.



BOAL, Augusto. Para Heleny: assassinada nas prisões de Torquemada. In: *Teatro de Augusto Boal - Volume 2: Histórias de nuestra América, A Lua pequena e a caminhada perigosa*, Torquemada. Coleção Teatro 18. Direção e Adalgisa Pereira da Silva e Fernando Peixoto. São Paulo: Hucitec, 1990, p. 101-152.

Brasil. Comissão Nacional da Verdade. Relatório. *Comissão Nacional da Verdade*. Dezembro. 2014. Disponível em: <www.cnv.gov.br>. Acesso em 08 jun. 2016.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Rev. Bras. Hist.* v. 24. n.º. 47 São Paulo. 2004

GOULART, Michel. 10 torturas da ditadura militar. *História Digital*. Agosto. 2011. Disponível em: <<http://www.historiadigital.org/curiosidades/10-torturas-da-ditadura-militar/>>. Acessado: 10 de jun. 2016

GUIMARÃES, Fonseca. *Didática e Prática de ensino de História: experiência, reflexões e aprendizados*. Campinas. Papirus. 2012.

KUCINSKI, Bernardo. K. *Relato de uma busca*. São Paulo: Cosac e Naify, 2014.

LATUFF, Carlos. Ao invés de contratar profissionais de educação estado rj manda pm pra escolas. *Latuff Cartoons*. Dezembro. 2012. Disponível em: <<https://latuffcartoons.wordpress.com/2012/05/19/charge-ao-inves-de-contratar-profissionais-de-educacao-estado-do-rj-manda-pm-pras-escolas/>>. Acesso em: 02 de jun. 2016.

MEDIREIROS, Marcos Marinho. *Escola Estadual Professora Maria de Barros em Ituiutaba / MG*. 2013. Disponível em: <<https://ssl.panoramio.com/photo/84109716>>. Acesso em: 21 de jun. 2016.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo. Contexto. 2014.

REIS, Daniel Arão. Ditadura, anistia e reconciliação. *Est. Hist.* vol. 23, n.º 45. Rio de Janeiro. 2010.

ROCHA, Dmitry. 9 tipos de tortura mais terríveis da história. Pipoca de Bits. Disponível em: <<http://www.pipocadebits.com/2010/06/9-tipos-de-tortura-que-foram-e-ainda.html>>. Acesso em: 10 de jun. 2016.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2. ed. São Paulo. Contexto. 2009.



SILVA, Jóbio Balduino. *Colégio Comercial Oficial de Ituiutaba: Reflexões Sobre a História da Educação Profissional Pública no Pontal do Triângulo Mineiro (1965-1979)*. 2012. UFU- Universidade Federal de Uberlândia.

VERRUMO, Marcel. As 13 máquinas de tortura mais terríveis da história. *Super Abril*. Outubro. 2012. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/historia-sem-fim/as-13-maquinas-de-tortura-mais-terriveis-da-historia/>>. Acesso em: 10 de jun. 2016.

* Licenciado e bacharel em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU - Campus Pontal). E-mail: <marcus.canhoto82@hotmail.com>.

** Mestrando em Educação pela UFU. E-mail: <eduardo_itba@hotmail.com>.

*** Mestrando em História pela Universidade de Brasília (UnB); licenciado e bacharel em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU - Campus Pontal). E-mail: <josehistoriaufu@hotmail.com>.